

# A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:— Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1200 rs., semestre 750 rs.— avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 27

BRAGA

SABBADO 29 DE JULHO DE 1882

## A REPUBLICA EM FRANÇA

À proporção que o tempo vá com seu poder inexorável produzindo a grande lição da experiencia, crescem os desenganos, e com elles o exemplo que a França vê offerecendo a todos os povos, de que a republica, apesar de todas as seducções do seu motte, é um systema repellente e insustentavel nos povos da nossa raça.

Em todos os factos em que a acção do governo não pode ir com o ouro do Estado corromper o suffragio, adulterar o systema representativo, e promulgar leis com a votação de maiorias escravizadas e facciosas, a opinião da França manifesta-se livre e eloquentemente hostil ao actual estado de coisas.

D'aqui um resultado: os homens sensatos buscam a substituição da republica por uma monarchia sympathica á França. D'aqui um ponto necessario: o unico homem capaz de salvar a França é o legitimo representante dos reis que ergueram a França ao fastigio das suas grandezas e doiraram com mão generosa as brilhantes paginas da sua gloriosa historia.

O conde de Chambord volta a ser o assumpto forçado de todas as attentões, o astro de todas as esperanças dos partidos monarchicos em França.

A agitação do partido legitimista é assaz significativa, mormente por que não são estranhos a ella os homens mais iminentes dos outros grupos monarchicos. E o que mais é, o proprio republicanismo moderado não olha desdenhoso para a unica taboa de salvação da França, desde que os radicalistas francezes e os republicanos de Italia, de mãos dadas, conspiram calorosamente pelo livre pensar, pelo materialismo e pelo collectirismo social; vendo-se além d'isto que o governo italiano para salvar-se da ruina imminente se socorre das influencias da Alemanha, e que esta ligação é uma tremenda ameaça para a França.

Não carece portanto a França de uma revolução armada para transformar a face actual da sua politica. A rotação natural do seu machinismo a conduz ás consequencias que antevê de um governo salvador em uma monarchia solida energica e circumspccta, chamada pelas necessidades publicas, pela honra e pela regeneração da França.

Ha dias, em um banquete celebrado pelo partido legitimista em honra do rei legitimo, enviou-se ao sr. Conde de Chambord uma energica mensagem na qual transluziam as

esperanças, as aspirações e os enthusiasmos do partido legitimista, que chama o seu rei, esperando o momento de proclamar o seu triumpho.

A republica franceza vê todos estes factos ao passo que olha attenta para a attitudé da Alemanha no seu movimento catholico, notavelmente progressivo, e nas suas relações cada vez mais favoraveis aos interesses da Santa Sé, contra o movimento revolucionario da Europa.

No que toca á sua vida interna, a França republicada caminha de decepção em decepção. A reacção religiosa avança triumphante contra os desvarios de um governo impio, e as illusões populares parecem desvanecer-se como o fumo na immensidade do vacuo.

Para corroborar este aserto tomamos para exemplo a ultima celebração do anniversario da tomada da Bastilha, que teve lugar ha poucos dias.

De diversos jornaes da maior seriedade extrahimos algumas referencias a essa festa em que o espirito republicano se tem manifestado cheio de ardor, como se celebrasse um culto ao Deus da sua fé.

Dizemos com a *Union*: «Não se nega que a festa fosse brilhante, o que se nega é que ella fosse enthusistica. O dinheiro que o Estado gastou pôde lograr o primeiro adjectivo; o segundo não se alcança com dinheiro.»

O jornal *L'Univers* diz: «Quando se compara a chamada festa nacional de hontem com as de 1881 e principalmente com a de 1880, vê-se que o enthusiasmo diminuiu consideravelmente. É certo que houve muitas casas adornadas, e á noite muitas ruas illuminadas; foi porém o Estado quem pagou as melhores illuminações. O governo havia previsto a diminuição do enthusiasmo, e havia-o suprido. Nas ruas havia uma numerosa multidão, principalmente de noite; porém o povo pouco se occupava da Republica e ainda menos da tomada da Bastilha, cujo anniversario se festejava.»

O importante jornal *Le Monde* assim se exprime:

«Os parisienses levam sempre a estas manifestações mais o habito do que o enthusiasmo. Hontem vio-se isto claramente. Na revista como nos pontos de maior movimento da festa, a povoação permaneceu tranquilla, obsteve-se de aclamações e de gritos politicos, exclusivamente dedicada a ver e calar.»

O jornal *Le Français* faz por sua parte a seguinte observação: «A julgar-se pelo pouco zelo com que uma multidão de particulares se dedicou este anno a adornar ou a illuminar as suas casas, forçoso é reconhecer que o republicanismo da povoação parisiense se debilitou um pouco. Por toda

a parte se fazia esta observação durante a tarde e a noite de hontem.»

O jornal *Clairon* escreve o seguinte:

«É mister que os republicanos mais enthusiasmas fixem bem este facto. Apesar das despesas excessivas do governo, pouco escrupuloso de gastar o dinheiro do povo, apesar dos banquetes municipaes, a festa d'hontem foi uma festa rachtica. O enthusiasmo dos annos anteriores teve um extranho enfraquecimento. O povo pergunta a si mesmo aonde o conduzem os homens que tomou por senhores, e faz salutarees reflexões. Já era tempo! Os enthusiasmas da Republica não deixarão de dizer que nós estamos de má fé, e que a festa foi enthusistica. Isto porém é mentira, como o provam os factos. Sem os regosijos, as decorações e as illuminações officiaes, a festa teria sido lugubre. Nenhum enthusiasmo como nos annos anteriores, nenhum arco de triumpho levantado á bocca das ruas pelas juntas dos bairros, nada do que houve de outras vezes.»

Finalmente, em todos os jornaes que percorremos encontramos as mesmas referencias e as mesmas considerações.

Não somos dos que se enthusiasmam com visões chimericas, como nos não desanimaram os nossos revezes: a legitimidade em França levanta de novo a frente, a França olha para a monarchia legitima como para um topo de abrigo. A republica nasceu rachtica, debil, anemica mesmo. A sua vida não pôde ser longa. A Hespanha olha para a sua vizinha com a attenção que os factos lhe merecem. O partido carlista, que a Europa julgava morto desde que na fronteira franceza depoz as armas nas mãos do governo da republica, agita-se de novo, reorganisa-se, trabalha cheio de fé e de esperança.

Uma aurora se avizinha. E' o dia da legitimidade, o dia das victorias que vae surgir do cahos? Sabe-o Deus! Mas se é licito caminhar por seguras conjecturas em face de factos eloquentes, o seculo de tantos crimes, de tantos erros, de tantas metamorphoses, não cabirá nos abysmos do tempo, sem que as sociedades que a revolução avassalou, se restaurem e se retemperem para as luctas da civilização, e para os progressos do futuro.

## RELIGIÃO

### DISCURSO

DO

Nosso Santo Padre o Papa Leão XIII

Aos bispos preconizados no Consistorio de 3 de julho

Chamamos a attenção de todos nossos lei-

my. Scripta em Lixboa 14 de Março de 1878—Rey.

Pera o padre geral E. convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

(b) «Recebida esta carta, mandou logo o Padre Prior geral alimpar a espada do glorioso Rey D. Afonso, e fazer-lhe uma bainha de veludo, com sua ponteira de prata dourada, e uma caixa preta em que fosse mettida com sua chave, e fechadura dourada, e outra caixa preta em que fosse o escudo do mesmo Santo Rey, pera irem estas armas com mais resguardo, e veneração, e as mandou pelo Vig-

(b) D. Nicolau de Santa Maria liv. 10.º cap. 22.º § 13.º, e Barbaza Mem. de D. Sebastião Part. 4.º liv. 2.º cap. 6.º copiando a D. Nicolau.

tores para este discurso do S. Pad.e que o *Osservatorio Romano* considera, e com justissima razão, d'uma tal importancia nas presentes condições da Egreja, e encerra tão graves e tão justas queixas contra as inqualificaveis demoras do governo para a concessão do *exequatur*, que nos apressamos a publicar-o em nossas columnas.»

O *Osservatore* considera-o uma actualidade para o presente estado da Egreja na Italia; pois mudemos a Italia em Portugal e as mesmas queixas, as mesmas lagrimas podem ser vertidas. Ouçamos o Papa:

«Saúdamos hoje em vós os novos Pastores escolhidos para governar cada um a sua porção de rebanhos de Jesus Christo: e Nos allegramos ao ver augmentado o numero d'aquelles que sam chamados a tomar parte com Nosco nos cuidados do ministerio Apostolico. E' *evissima* a necessidade que actualmente se sente de ter santos e dignos Pastores na Egreja de Deus,— agora que pelo poder e astucia de inimigos occupados em combater a Religião e em causar a ruina das almas e pelas difficuldades continuas que oppõem á acção dos sagrados ministros se requer n'elles *toda a fortaleza de um prito verdadeiramente sacerdotal, toda a prudencia de um espirito illuminado, toda a paciencia de uma alma cheia de caridade e do sentimento do sacrificio*. Por isso a nomeação de novos Bispos é para Nós um dos *mais sollicitos cuidados*: e uma das nossas mais fervorosas e continuas orações e o *ostende quem elegeris*, com que, a exemplo do Apostolico Collegio, pedimos a Deus que queira mostrar-nos quaes sam os escolhidos por Elle e mais segundo o seu Coração.

«Temos a firme confiança de que mais esta vez ainda se comprazeu o Senhor em ouvir a Nossa humilde oração; tudo Nos permite julgar que a vossa obra no episcopado terá por effeito a gloria de Deus, o bem das almas, a honra e a consolação da Egreja.

«Nós vemos entre vós o excellenté Prelado que elevamos á dignidade de Patriarcha d'Antiochia; esta dignidade é a recompensa d'um vida integra e laboriosa desde os mais tenros annos; é o premio de longos e importantes serviços prestados á Egreja e á Sé Apostolica nos multiplos cargos desempenhados com o mais louvavel dos zelos.

«Por todos estes motivos seria para desejar, Carissimos Filhos, que se nos deixasse aberto o caminho para a posse pacifica das vossas cadeiras, como o reclamam o direito e a justiça.

«Infelizmente, o que ha algum tempo acontece na Italia inspira-Nos a este respeito as mais penosas apprehensões. Ha ainda muitos Bispos nomeados por Nós que, ha longos mezes e até varios annos, esperam que se

«rio do mesmo mosteiro de Santa Cruz D. «Jeronymo, varão de grande authoridade e de boa presença, que as entregou a El-Rei, «o qual as recebeu com grande gosto e «contentamento, dizendo, que se Deus lhe «dava a victoria, que esperava, promettia «de fazer canonizar o glorioso Rei D. Afonso, «se, como já o intentara fazer El-Rei D. João III, seu Senhor, e Avô.»

(c) Estas armas tendo por esquecimento ficado na armada, voltaram n'ella a Portugal, e por ordem do Cardeal Rei foram remettidas ao mosteiro de São Vicente, o d'ahi conduzidas a Santa Cruz de Coimbra por D. Francisco das Neves.

(c) Os mesmos Autores citados em as notas (a) (b).

## FOLHETIM

### DOCUMENTO IMPORTANTE DO SEculo XVI

POR EL-REI

AO padre geral e convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

(CONCLUSÃO)

Padre geral. E Convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Eu El-Rei Vos envio muito saudar, Eu me tenho Pubricado em aver de fazer por my com ajuda de nosso Senhor uma empresa em Africa, por muitas e muy grandes Razões, muy importantes ao bem de meus Reinos, E de toda a espanha, de que tambem Resulta be-

nefficio á Christandade, o que me pareceu escrevervos, assi pera encomendardes a nosso Senhor o bom successo d'esta empresa, que por seu serviço faço, como para Vos dizer que desejo levar n'ella a Espada E escudo d'aquelle grande E Vallerozo Primeiro Rei d'este Reino Dom Afonso Enriquez cuja sepultura está n'esse mosteiro porque espero em nosso Senhor que com Estas Armas me dê as victórias que El-Rei dom Afonso com ellas teve. Pello que Vos encomendo muito que loguo mas mandeis; por dous Religiosos d'esse Convento que para Isso Ellegereis. E como eu embora tornar as tornarei a Enviar a Esse mosteiro, pera as terdes na Veneração E goarda que é devido a cujas forão, E por tudo. E por aqui entendereis que as não quero senão Emprestadas pera o effecto a que Vou, E de quão grande Contentamento isto é para

levante o obstaculo que os impede de irem para as suas proprias dioceses!

«E não é sem razão que Nós falamos de obstaculos e de impedimentos que os retem; effectivamente, a não ser que os novos eleitos preferam ir para as suas proprias dioceses d'uma forma absolutamente privada, desprovidos de todo o subsidio, constangidos a abrigarem-se nas casas dos outros, expostos ao perigo de verem os proprios actos da jurisdicção episcopal não reconhecidos e até incriminados, como já aconteceu em Chieti, a recusa de se lhes conceder o que elles tem direito de ter, equivale a tel-os afastados das dioceses confiadas aos seus cuidados. Ora isto é verdadeiramente deploravel; porque não é sómente uma indignidade, com respeito ás eminentes qualidades das pessoas que foram escolhidas e contra as quaes a propria auctoridade politica nunca pôde encontrar motivo algum justo de queixa; mas é tambem um gravissimo prejuizo que se faz aos interesses da religião e á boa administração das dioceses, que sam forçadas a estar muito tempo privadas da direcção de seus legimos chefes. — Por isso sam frustrados os votos das populações catholicas que desejam ardentemente ter no meio d'ellas os seus proprios pastores, e que os acolhem com alegria e transportes quando lhes é dado recebê-los.

«Bem mais ainda, esta maneira de obrar do poder publico ataca gravemente uma das liberdades da Igreja mais preciosas e mais vitais, não obstante as promessas contrarias feitas tão amplamente outr'ora á Santa Sé Apostolica. Por isso, continuando d'esta maneira a não darem razão aos direitos dos Bispos demonstra-se com evidencia que se quer ter a Igreja, na Italia, n'um estado d'opressão e escravizagem e pôr-Nos na impossibilidade de governar-a bem.

«Que se diria, com effeito, se a suprema auctoridade politica, quando ella escolha para o exercicio os chefes reputados os mais aptos, e para as provincias os governadores tidos como os mais habéis, tivesse de esperar, antes de os mandar tomar posse do seu commando, pelo bel-prazer d'uma outra auctoridade, que o recusasse ou demorasse muito tempo sem motivo plausivel?

«Não haveria motivo de gritar contra a usurpação, contra o abuso? Ora é exactamente o que Nos acontece na nomeação para os bispados da Italia. Mais de vinte dioceses esperam ha muito tempo, e debakte ainda, os seus pastores. Este facto é para o Nosso coração como um cruel espinho, e devemos denunciá-lo, para que se saíva de cada vez mais como o governo da Igreja Nos é difficil e como nos é intoleravel a Nossa condicção presente.

«Praza ao Senhor estender nos depressa a sua mão auxiliadora e dar remedio a estes males. Enquanto esperamos, para vos fortificar na vossa difficil missão. Nós vos concedemos, Caros Filhos, do fundo do coração, a Benção Apostolica.»

(Da Ordem)

## O SENHOR D MIGUEL DE BRAGANÇA

Lê-se na correspondencia de Lisboa para o *Commercio do Porto*, de 25 do corrente o seguinte:

«Segundo uma carta de Vienna de Austria, foi convidado pelo imperador da Russia, para assistir á sua coroação em Moscow, o senhor D. Miguel de Bragança; este principe resolveu ir, fazendo-se acompanhar por dous fidalgos da primeira aristocracia portugueza, seus camaristas um ajudante de campo, um official ás ordens allemães, e como capellão um ecclesiastico muito conhecido n'esta capital e que ainda ha pouco foi elevado pelo pontífice a cathedra de monsenhor.»

Não nos causa admiracção semilhante noticia porque, o senhor D. Miguel 2.º, á muito que é considerado pelos principaes monarchas da europa, prestando-lhes todas as honras e homenagem devidas á sua alta cathedra, talento e illustração; pois, todos reconhecem na pessoa do augusto principe a legitimidade ao throno portuguez, embora a revolução na sua passagem devastadora arremecesse para a terra do exilio, o legitimo rei de Portugal.

Desenganem-se, Portugal, foi sempre monarchico legitimo, e não bastardo.

A lima dos tempos tudo gasta menos as tradições gloriosas e o sangue que gira nas arterias de um povo que se levantou do nada e chegou a dar leis ao mundo á som-

bra da gloriosa bandeira—Deus, Patria e Rei.

E desenganemo-nos: De duas uma, ou o senhor D. Miguel 2.º, ou a Republica.

Esta estima pôde ser passageira, deixando atraz de si um rasto de sangue; roubos, incendios e tudo quanto é máo, servindo-lhe de cortejo para a companhia nas suas febres diabolicas, porque a monarchia bastarda—o liberal, está gasta, e porisso ha-de morrer como nasceu.

A sentença está dada.

## NOTICIAS DE ROMA

Roma 20 de julho de 1882

A *Congregação do Indice* acaba de condemnar muitas obras, entre ellas o *Ecclesiaste de Renau*.

Prova o *Jornal de Roma*, comentando o ultimo discurso do Soberano Pontífice, que o Papa não é actualmente livre em Roma, e que talvez se veja obrigado dentro de mais ou menos tempo a renunciar á sua residencia n'esta cidade, porque a actual situação não pôde dilatar-se.

O sr. Schleezer sahirá esta noite para Berlim. Diz-se que é portador de uma carta do Exm.º sr. Cardeal Jacobini para o Principe de Bismark. É falso que se hajam interrompido as relações entre o Vaticano e Berlim, como dizem alguns jornaes liberaes.

O ministro de Cultos do intitulado reino de Italia concedeu o *exequatur* o seis bispos, porém ficam ainda quinze esperando que se tome a respeito d'elles igual medida.

Hoje tem logar n'esta capital as eleições municipaes e provinciaes. Pela primeira vez a união romana catholica apresenta uma candidatura particular. Os progressistas e os moderados lutam unidos contra os catholicos e contra os radicaes.

## NOTICIARIO

**Corpus Christi.**—Na parochial egreja de S. José de S. Lazaro, festeja-se com grande pompa amanhã, o Santissimo Sacramento. É uma festividade que sempre timbrou por ser uma das primeiras d'esta cidade.

É Juiz o Ex.º Sr. Dr. Antonio Roberto d'Araujo Queiroz, e por isso esperamos que não desmerecerá da dos annos anteriores, atendendo aos seus sentimentos de catholico puro e descendente de bons legitimistas.

**Santa Martha.**—E' hoje a festividade d'esta gloriosa Santa, que o nosso bom povo solemnisa na sua capella collocada no monte da Falperra, distante 3 kilometros d'esta cidade.

A concorrência é sempre numerosa attentas as condicções pitorescas d'aquelle bello e formoso local, onde os Baratojanos de saudosa memoria edificaram a sua casa para viverem santamente, nas que a revolução destruiu.

**S. Thingo.**—Esteve importante esta grande festividade em honra do Santo apostolo, orago da Catholica Hespanha.

A illustração esteve surprehendente, as musicas harmoniosas, principalmente a Philharmonica que tocou encantadoras peças; os quadros exhibidos allegoricos ao grande apostolo produziram agradável effeito.

A concorrência era enorrmissima, e o transito foi por muitas vezes uma nuvem coallhada de povo.

O fogo foi dos melhores que se tem visto, e era do habil artista Gaspar Augusto Pinto, da rua do Areal de Baixo. Tudo correu com a maior ordem, alegria e contentamento de todos os habitantes da rua da Boa Vista. Os mortos foram *envernizados*.

**O Sagrado Rosto do Senhor.**—Esteve lindissima a festividade do Rosto do Senhor, que se venera no seu oratorio atraz da Sé. Na real egreja da Misericordia, aonde tiveram lugar os actos religiosos, houve missa cantada a grande instrumental, exposição do Santissimo, e sermão; sahindo de tarde um boa procissão. O sermão foi admiravel.

Tanto a illustração como o basar, atrahiu muito povo.

São dignos dos maiores encomios os incansaveis devotos.

**Fallecimento.**—Hoje de manhã, finouse o Rv.º Abade da Sé—um dos sacerdotes mais illustrados d'este Arcebispado. Foi duas vezes a Roma no tempo do chorado Pio 9.º de quem era dedicado amigo. Sentimos a sua morte e oremos por sua alma.

**O Commercio do Porto.**—Este varão assignalado, que tem voto em toda a materia, vem com a sua authoridade apregoar aos quatro ventos, que Braga, a nossa velhinha, exultou de alegria por haver passado a *Salamanca*.

Isto é sómente irrisorio; porque as demonstrações d'alegria que houveram, podem se traduzir nas maldições e deseporos de um povo já descrente de tudo—enxugando as lagrimas que lhe deslisaram pelas faces.

É esta a verdade.

**Banquetes legitimistas em Paris.**—A *Union* traz-nos a noticia dos banquetes celebrados em Paris, e dos quaes já tiveram conhecimento por cartas particulares.

Eis como se expressa aquelle jornal:

«No dia 15 de manhã reuniram-se os legitimistas de Paris nas principaes egreas da capital, com o fim de celebrarem o santo do nome do sr. Conde de Chambord, ouvindo missa.

«A noite houve em Paris sette banquetes, aos quaes assistiram mais de mil convivas de todas as classes e condicções.

«N'estes banquetes assignou-se uma menagem ao Conde de Chambord, cujos principaes paragraphos dizem assim:

«Se alguma vez a nação franceza, cuja gloriosa historia foi feita por seus Reis, ha-de sentir a necessidade de refugiar-se ao abrigo das tradições seculares, que asseguram a sua grandeza, é evidentemente no triste periodo que atravessamos.

«O herdeiro d'estas tradições, que segue com tanta anciedade e zelo as fazes quotidianas da vida d'este povo, que quer e deve reinar, sabe que a França é levada mais que nunca á ruina pelos homens que confundem em seu furor a religião e a monarchia e querem desterrar da alma da nação as duas grandes virtudes que a hão sustentado a travez dos seculos: o culto de Deus, e o amor ao Rei.

«A patria espera do chefe da casa de França uma resurreicção necessaria.

«A hora pertence a Deus, disse o Rei. Temos a convicção de que Deus breve váe fazer soar a hora, e que a França para livrar-se do cataclismo final pedirá ao Rei que a sabe.»

Em todos os banquetes se pronunciaram eloquentes e entusiasticos brindes.

**No Bom Jesus.**—Os hospedes do hotel do Parque do Bom Jesus do Monte, quizeram festejar o dia 25 do corrente por ser o dia em que a Igreja catholica commemora o milagroso S. Thyago, e para isso concorreram todos para adornar com bandeiras e galhardetes onde sobre-sahia uma lindissima illustração tanto na fachada do hotel como na grande recinto do mesmo.

Tocaram ali duas banlas de musica, uma das duas horas da tarde até ás 8 da noite e outra das 8 até á meia noite, tudo isto acompanhado com muito fogo de artificio e balões acrostaticos.

O regosijo dos muitos hospedes que con-orreram para esta festa tão sympathica, bem como os muitos espectadores que a presecearam foi tão extraordinaria, que muitas outras funcções não podem comparar-se com esta.

Esta demonstração dos hospedes, demonstra não só o contentamento de como são tratados, mas a satisfação que tiveram em concorrer para tão extraordinario divertimento.

**Interrogações.**—Todo o paiz acordou de um dia para outro surprehendido pela nova de que o senhor D. Luiz pedira auctorisação ao parlamento para sair do paiz, afim, segundo diziam os jornaes do Governo, de pagar ao rei de Hespanha a visita que lhe fizera.

Até aqui todos acharam o facto naturalissimo, legalissimo, ainda que inoportuno.

Agora porém firma-se que o senhor D. Luiz demorar-se-ha auzente de Portugal e irá viajar pela Europa. Correm alem d'isto boatos de que o Chefe do Estado aproveitará a sua ausencia para dirigir do estrangeiro um manifesto ao paiz abdicando a corôa em seu filho o senhor D. Carlos.

N'estes boatos collocam-se sempre duas interrogações, uma em face da outra.

Será verdade? Por que será?

O nosso povinho está á espera de ver um Cometa para se decidir na sua openião. Por ora ouve, repete, e interroga. Só de quando em quando descançando das fainas das sachas, e abrigando-se á sombra das nossas videiras *enforcadas*, váe dizendo: «ó Manel nós bamos ter muito binho este anno, teremos tambem muita vernarda. P'los modos o Fontes anda com medo, e o rei bai pôr-se no seguro d'a Inglaterra.» Nós

dizemos com a raia meuda: será verdade? por que será?

O facto a ser certo não espanta, mas surprehende. Quizeramos que os jornaes que privam como governo esclarecessem o publico a este respeito, visto que taes boatos podem trazer comsigo consequencias e transtornos que bom seria evitar.

Estes boatos que circulam cá pela provincia, andam tambem nas conversações da capital, segundo referem alguns correspondentes de Lisboa. Bom será pois esclarecel-os, visto que tomam um certo corpo e uns certos visos de verosimilhança.

**Profissão.**—Fez votos em uma caza religiosa em França, uma filha de Paulo Feval, o immortal defensor da companhia de Jesus.

**Visita.**—Correm como cansa definitiva nos circulos politicos de Madrid, que a visita do Senhor D. Luiz a —D. Alfonso se realisará impetrevivelmente no proximo mez de Outubro.

**Mais perseguições.**—Segundo se vé na imprensa catholica de Paris, a commissão competente da camara dos deputados de França dicitio ultimamente que a auctoridade civil será obrigada a proceder ao *matrimonio civil* dos sacerdotes, que esquecendo os deveres do seu ministerio, e separando-se da Igreja, quizerem contrail-o.

Esta medida tem o unico fim de collocar as auctoridades catholicas na obrigação de escolher entre a sua consciencia e as suas funcções.

E' claro que este seria um meio excellente de deixar vagos uma porção de empregos que são hoje exercidos por catholicos, se felizmente não fossim rarissimos os sacerdotes francezes, que se separam da Igreja, olvidando o que devem a Deus e o que devem a si mesmo.

Alem d'esta medida, a commissão da referida camara, chamada *da concordata* acaba de dicitir definitivamente que se pesa á camara que approve que os sinos das Igrejas fiquem á disposição dos municipios nas horas a não estarem destinados a chamar os fieis que assistam ás solemnidades do culto catholico.

Assim os sinos, que são objectos do culto poderão ser empregados nas festas republicanas, ainda que estas festas tenham um caracter designadamente impio.

Os catholicos francezes receberam muito mal este accorlo da Camara dos deputados.

Terão acaso os catholicos meios de resistencia?

Recordaremos a este respeito um acontecimento que acaba de dar-se no departamento do Drome.

O parcho de Maessant, vendo que a auctoridade se desponha contra a vontade d'elle a mandar repicar os sinos na festa liberal de 15 de julho, tirou-lhes os badalos, quando os agentes da auctoridade arrombaram as portas do campanario, apesar dos protestos do parcho, e subiram á sineira, viram que era de balde, por que os sinos não tinham badalos.

E estiveram sem elles até ao dia 13 pela manhã, em que tiveram de chamar os fieis para a missa conventual.

**Portugal.**—Querem os nossos leitores saber o juizo que se faz pelo estrangeiro relativamente ao estado da nossa politica? Vejam o que diz a importante folha *Standart*:

«Portugal tem necessidade de uma republica.»

A isto accrescenta o jornal *El Siglo Futuro* o seguinte:

«...E effectivamente ali como em outras partes, as monarchias mantidas nas fontes baptismaes pela revolução, não se constituem ou suportam senão para preparar o caminho de republica.»

«Portugal tem por verdadeira soberana a maçonaria, que não cessa de proseguir com as armas e com os meios auctorizados pelas ideas modernas a obra nefacta do Marquez de Pombal.

As suas instituições as suas leis, os seus costumes politicos, estão hoje empregnados, saturados do livre pensamento, e do franc-maçonismo. Em uma palavra Portugal está maduro para a republica; dêem as lojas um signal, e a republica estará feita.»

Não fazemos commentarios. Os factos estão patentes o ao alcance de todos.

**Garibaldi alem do tumulto.**—O encarnicão inimigo da Igreja, o fatal campeão da revolução, o baudió de caprera ainda alem do tumulto arrasta atraz do seu nome a desgraça e a morte.

Eis o que nos relata o *Argentina*, folha do Panamá.

«Na loja Garibaldi, estabelecida na rua de S. José, celebraram-se solennes ezequias maçônicas á memoria de garibaldi. Eram 8 horas e 5 minutos da manhã, quando uma pequena lampada, alimentada por kerosene caíu do tumulto junto á parte que illuminava o feretro.

*Ninguém sabe como!*

«O kerosene derramou-se pelo pavimento, e o fogo, que era pouco communicoou se um pedaço do crepe, que vestia o templo. Isto produziu o panico, e ás vozes de fogo! fogo! mulheres, homens e crianças se precipitaram para a porta. Neste instante gritavam os membros da loja — «Não é nada, não é nada! isto com o fim de acalmar os aterrados.

«As mães desconheciam a seus filhos, estes se extraviavam d'ellas e caíam pelo chão.

«Muitos homens desalentados, pareciam ter perdido a razão. Diga-se a verdade, isto não acontecia aos membros da loja, que faziam esforços sobrehumanos para conter aquella massa enorme, que não tardou minutos em se precipitar para as escadas como uma onda furiosa e gigantesca, que ao quebrar-se sobre os rochedos produz um som aterrorador.

«A porta da rua estava fechada. Tinha-se fechado em consequencia da precipitação com que os primeiros tinham querido fugir.

«Naquelle sitio cabiram uns sobre os outros.

«Momentos depois extrahiam-se quarenta calaveres de seres asfixiados e magoados horrivelmente.

«Contam-se scenas tremendas.

«Ha grande numero de feridos.

«Mortos e feridos eram conduzidos á Casa Central de Policia aonde pouco depois as familias os foram reclamar.

«A primeira remessa de atalhes que chegou ao Cabido foi de nove, seis para adultos e tres de crianças. Em seguida vieram os outros até ao numero de desenove.

«Este acontecimento produziu aqui grande sensação.

Uma outra folha sob a epigrapha de *Victimas da Maçonaria* relata os mesmos factos, e acrescenta:

«Alguns crêem que tudo foi effeito das libações dos irmãos e da discordancia dos oradores em julgar Garibaldi, o que deu margem a uma altercação, que produziu a excitação geral dos concorrentes e d'ahi ao natural «salve-se quem poder.»

«Seja como for, o certo é que a maçonaria custa milhares de vidas á humanidade.»

**O mundo acabou!**—Este nosso amavel collega da Capital, antes de expirar, fez a sua disposição testamentaria contemplando com alguns legados os *Salamanqueiros*, e com os *Calções* o Zé povinho.

Era ainda muito moço, e apenas contava alguns dias de vida: a *mamã* não tinha leite, e assim ficou-se por falta d'alimento.

Sentimos o seu desaparecimento do rol dos vivos.

Uma lagrima collega, representando uma saudade.

Lá cahiu!.....

**Thiara papai!**—É, como as corôas dos soberanos, sumptuosamente ornada de pedras preciosas e realçada por um bellissimo diamante.

A cupula é formada de oito rubis, de vinte e quatro perolas e de uma esmeralda. A cruz é composta de doze brilhantes, tendo nas extremidade rubis e perolas. Dois corôões de ouro a sustentam sobre a cabeça do papa. O diamante principal da thiara do papa tem uma das origens mais curiosas. A narração das peripecias d'este precioso objecto é muito interessante, como vamos vêr. Sabe-se que o duque de Borgonha, Carlos, o Temerario, possuia immensas riquezas, e tinha o habito de se fazer acompanhar, quando ia para a guerra, dos objectos de mais valôr de prata, ouro, pedras preciosas e diamantes. Tendo sido vencido pelas Suissos na terrivel batalha de Frauson, abandonou os seus thesouros no campo da batalha, deixando entre estes diamantes admiraveis. O primeiro d'estes diamantes foi descoberto por um soldado; era o maior e de mais valôr. Tinha servido de ornato á corôa do Grão Mogol e havia sido comprado ao monarcha pelo duque de Borgonha. O soldo o que o descobriu, não lhe dando importancia por julgar ser apenas um pedaço de crystal mais ou menos polido, atirou primeiro com elle para o campo, depois, considerando poder vendê-lo por qualquer preço, procurou-o de novo e com

effeito vendeu-o a um pobre cura por um escudo. O cura, que provavelmente não conhecia melhor que o soldado o valôr d'estes objectos, revendeu-o por tres escudos.

Este ultimo mais conhecedor do objecto revendeu-o por cinco mil ducados, sendo em seguida comprado por sete mil ducados e depois por quatorze mil pelo duque de Milão, adquirindo-o ultimamente o papa Julio II por vinte mil ducados. E' este o diamante que orna hoje a thiara pontifical. O seu tamanho é quasi o de uma pequena noz. Em quanto aos outros dois diamantes abandonados no campo da batalha por Carlos, um, depois de passar por muitas mãos foi comprado pela casa d'Austria para servir de ornato á corôa, de que é um dos mais bellos ornamentos, sendo o seu valor, pouco mais ou menos de tres milhões de francos. O terceiro é o Sancy, o famoso diamante que hoje pertence á corôa da França.

*(Cruz do Operario)*

**Urgente necessidade de Uma Cruzada para a libertação do Summo Pontifice.**—Acaba de sabir á luz este precioso livro do eminente escriptor catholico D. José Maria Carulla — uma das maiores glorias da Hespanha catholica.

Esta importantissima obra, de que fomos brindados com um exemplar, é traduzida e editada pelos nossos presalissimos amigos, Antonio de Mesquita, e J. J. de Mesquita Pimental da cidade do Porto, e sobre o seu merecimento faz o Exm.º Sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente na Universidade de Coimbra, e nosso conterraneo a apreciação seguinte:

Esta recente publicação do eminente jurisconsulto e publicista catholico sr. Carulla, teve a invejavel gloria de excitar as iras da imprensa revolucionaria de Hespanha. Bom criterio para avaliar o merecimento de uma obra, sob o ponto de vista catholico. A mais bella prova, disse o cardeal Pecci, que da sua fina tempera e forte offerece uma espada é realmente o grito do inimigo ferido por ella. Por isso que a obra do sr. Carulla excitou as iras da revolução, concluímos logo, antes de a lêr, que a obra devia de ser um golpe terrivel na mesma revolução.

Confirmamos nos em o nosso juizo depois que lemos as bellas, eloquentes e catholicas paginas da **Urgente necessidade d'uma cruzada para a libertação do Summo Pontifice** que muito desejavamos ver traduzidas em portuguez. O sr. Carrulla com cuja amizade muito nos honramos, é já muito conhecido no mundo scientifico e catholico não só pelos seus magnificos trabalhos litterarios, mas ainda pela sua entusiasta dedicacão á cadeira apostolica. A ultima publicação do illustre director da *Civilization* tem os quesitos que dão um livro merecimento real: o proposito, a pureza de doutrina, a elegancia do estylo.

Em presenca da insupportavel situação do romano pontifice, que não tem a necessaria liberdade e independencia para o pleno exercicio da sua auctoridade suprema, em presenca dos factos de 13 de Julho que vieram dar novo vigor á demonstração da necessidade do poder temporal do Papa, não era a proposito a publicação d'um livro onde se despertasse o sentimento catholico, a dedicacão e o amor para com o vigario de Jesus Christo, onde se dissesse bem alto o que é o famoso rei no de Italia, o que querem os dominadores de Roma, a cidade dos Papas, e o que ha a temer d'estes dominadores com referencia á pessoa augusta do Pai commum dos fieis e o que os catholicos tem a fazer para que termine a angustiosa e intoleravel situação do vigario de Jesus Christo? E tal é o pensamento dominante do sr. Carulla. A doutrina do livro é a pura doutrina catholica; o estylo tão bello e tão eloquente como era de esperar da penna inspirada do sabio traductor de Dante para a formosissima lingua de Calderon e Cervantes. Nós recomendamos já todos os bons catholicos portuguezes a acquisição d'este precioso livro.

**Dr. Luiz Maria da Silva Ramos.**  
Lente na Universidade de Coimbra

**Um liberal modelo, e amigo do Senhor D. Luiz, 1.º socio da firma commercial — Rei — Fontes e Companhia.**—Os jornaes annunciaram em tempo, que tinha sido preso em Hespanha um italiano accusado de ter escripto cartas o sr. D. Luiz, pedindo-lhe diversas quantias sob ameaça do assassinar, não sendo satisfeitas as suas exigencias.

Effectivamente o facto é verdadeiro e já está

instaurado o processo contra o miseravel, que se chama Felix Scarelli.

Este homem esteve ha annos em Lisboa e vinha buscar a resposta da primeira carta que escreveu de Londres.

Houve quem o visse aqui (Lisboa) e em Cascaes para onde fôra, por estar ali n'aquelle occasião a familia real. Era um homem de má catadura, orgulhoso e pouco expansivo. Andava mal vestido e vivia miseravelmente.

Cansado de esperar e convencido de que ninguém temia as suas ameaças, desapareceu e parece que se dirigiu aos Estados-Unidos, onde se demorou algum tempo. D'ali foi para Bruxellas e dirigiu segunda carta ao chefe de estado allegando os seus servicos á causa da liberdade italiana, e fazendo os mesmos pedidos do dinheiro e as mesmas ameaças de morte.

Mais tarde apparece em Cartagena e a policia começou suspeitar d'elle, vigiando-o de perto. Foi de Cartagena que escreveu a terceira e ultima carta, igual ás duas antecedentes nas allegações, mas exigindo n'esta a quantia de mil libras ou 45:000\$000 reis.

Comquanto o processo já esteja instaurado em Hespanha, o criminoso, naturalmente, não poderá ali ser julgado, porque a policia italiana descobriu que elle é o mesmo Felix Scarelli pronunciado em Florença, como cúmplice em uma tentativa de assassinio contra Victor Manoel n'aquelle cidade, processo antigo e de que muito fallaram as folhas italianas e francezas.

**Recebemos os seguintes folhetos.**—Annaes do collegio de Nossa Senhora da Conceição em Lisboa—derigido pelo Exm.º Sr. Carreira de Mello.

Discurso historico acerca do conservatorio das Orphãs do Menino Deus, d'esta cidade.

Discurso do sr. conego Joaquim Alves Mathews, no meeting contra a Salamancada. Observações sobre a Conferencia de S. Vicente de Paulo da cidade do Porto.

Agradecemos.

**Fallecimento.**—Finou-se na 3.ª feira o sr. Alexandre, barbeiro, da rua do Souto. Era um character serio e honrado.

Paz á sua alma.

**Novo Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus.**—Recebemos o n.º 17 d'este excellente folheto, orgão mensal do Apostolado da Oração, cujo summario é o seguinte:

Intenção geral do mez de agosto de 1882 — Uma instituição benemerita — A ultima confissão do sr. Benam — Amigos do Coração de Jesus — Scenas da revolução — As Conspiradoras — Aviso importante — Graça obtida — Interesses do Coração de Jesus em Portugal — Anna Aloisi Masella — Defeza dos interesses do Coração de Jesus — Carta 11.ª a um velho portuguez na Asia — Revista dos interesses do Coração de Jesus.

**SEMANARIO DOS FILHOS DE MARIA**

**SUMMARY** do n.º 18—*Santa Maria Magdalena* por A. Moreira Bello—*A boa Virgem, a boa Mãe—Caridade*, pelo abbade J. S. Barroso—*A Santa Maria Magdalena* (poesia) por \*\*\*—*S. Thiago de Compostella—O dedo de Deus—Ecce homo!* (poesia), por D. Maria das Dores—*Historia da Santissima Virgem—Pequenas conferencias sobre o Christianismo—O pequeno martyr—O glorioso Virginum*, por \*\*\*—*A Virgem do Carmo—A perola d'Andotichia*, por P. Bayle—*São sedentados todos os Atheus?* por X—*Chronica.*

**COMMUNICADO**

Pingoço 17 de julho de 1882

Sr. redactor.

N'esta villa está-se ventilando uma questão pura e simples de moralidade, e por meio que o defensor das auctoridades judicial, administrativa e camararia, se esforce, nunca chegará á metade dos seus desejos, por que ellas estão moralmente mortas, ou pelo menos desprestigiadas.

Tem-se publicado em diferentes jornaes, artigos tambem elaborados que só quem estiver cego e que não poderá ver certo delinquente nas nossas auctoridades principalmente na judicial; e apesar de ter apparecido um Hercules, muito versado em mythologia, em sua defesa; nada responde, porque contra factos não ha argumentos; lenta se então o bom homem a evasivas, procurando desviar a questão para um terreno muito differente, isto é, para meras questões de soalheiro.

Miserias! vergonha! Para tanto saber escusado era frequentar cinco annos na Universidade de Coimbra, se é que não frequentou os 6 annos da mesma.

Como justificação ao que acabo de expender haja vista aos communicados publicados, um no n.º 94 do *Jornal do Porto* outro no n.º 2:946 do *Jornal da Manhã*, n'aquelle procura o articulista uma tangente desgraçada invocando a lei de 18 de julho de 1855, n'esta de-se a um acervo de calumnias que se fosse em tempos que já lá vão tinha pena de mão cortada.

Dividirei por tanto este meu trabalho em duas partes; mostrarei primeiro como correu tumultuario o processo intentado contra os sicarios que me espancaram, e para outra occasião occupar-me-hei mais d'espago d'essas aleivosias vertidas contra mim no jornal da manhã.

Muita gente qualificará de tardia esta minha correspondencia, mas, para se dizer a verdade nunca é tarde, e posto a demora ser o resultado de cousas estranhas á minha vontade, ninguém tem que ver com isso; o publico sensato e desapassionado, para quem escrevo, como juiz arbitro, apreciará de que lado está a razão.

O appello que o meu detractor faz á lei de 18 de julho de 1855 é a prova mais irrefragavel de que o processo correu tumultuario, porque nunca se executou á risca, n'este tribunal semelhante lei, e só eu fiz excepção, e permitta-me que lhe diga que aqui segue-se um processo um pouco differente, e na minha opinião o bem entendido, porque se coaduna com a razão e justiça das partes.

Ei-lo:

Depois de levantado o auto d'exame e corpo de delicto no juizo ordinario, o sr. juiz de direito, se ha impossibilidade de trabalhar, manda se proceda a exame de sanidade, antes dos vinte dias: na occasião do exame de sanidade quasi sempre houve o queixoso, afim de ver se tem testemunhas que possam saber alguma coisa do facto; o sr. delegado toma nota das testemunhas apontadas pelo queixoso, quando são precisas e as ha; o sr. juiz mais tarde enquerias e se não encontra, depois de todas estas investigações, indicio algum de crime, manda archivar o processo.

Isto entende-se, e emprazo o articulista, porque sabe da arte, para que me desminta.

A que vem então a lei de 18 de julho de 1855? Simplesmente para encobrir faltas e dar azo a que se suspeita que tinha ingresso no templo da deusa vendida o pedido, já que não quer que seja apothetica.

Voga tambem o articulista que não existio requerimento algum, pois é verdade, e apesar de (que tenho pena) não ter na minha mão esse requerimento possuo todavia uma carta do procura lor em que me declara que o meu requerimento foi indifferido.

Já disse na minha primeira correspondencia, e repito hoje, como nada soubesse de negocios judiciaes, pedi ao sr. José de Mattos Junior, como escriptor interino, no impedimento do sr. Alberto, que me reconhecesse uma procuração feita na sua presenca ao sr. Adelino Augusto Teixeira, para este, na qualidade de procurador, requerer em meu nome ao sr. juiz, segundo as indicações por mim apresentadas, o mais tarde recebo carta d'este sr., dizendo-me que o requerimento foi indifferido. Que heide eu supor em boa logica.

Finalmente que razões alludio o meu adversario para justificar a não levantamento do auto de investigação? e ainda quer teimar que o processo não correu tumultuario! convença-se que não é com phrases mais ou menos apontadas que se destroem os factos, podem servir quando muito para fazer rir, mas nunca para justificar actos reprehensiveis da sua natureza.

Justiça como a que actualmente se faz em Mont'Algre nem na Zululandia se equiva, senhor redactor.

Como esta já vae longe, terminarei por declarar que, se na cadeira de Moyses se sentão alguns escriptas e phariseos, no banco dos reos tambem se senta muitas vezes a innocencia; e senão obtiver proveimento no recurso que heide interpor, de certo me assentarei, mas ninguém duvidará, a não ser algum disculo, da minha innocencia; por tal preço nunca se elevou uma toga, e muito menos uma farda. Exemplos d'estes não tem precedentes na historia judicial.

Pela inserção d'estas linhas ficará summamente grato o de V.

Salvador Gonçalves de Barros.

AGRADECIMENTOS

Maria do Patrocinio Torres e marido João Ferreira Torres, veem por este meio agradecer a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de seu pae e sogro João da Silva. Braga 10 de Julho de 1882.

Maria do Patrocinio Torres,  
João Ferreira Torres.

Miguel Maria Mendes da Silva, em extremo penhorado pelos obsequios que recebeu por occasião do fallecimento e enterro de sua chorada esposa D. Ermelinda Augusta Cerqueira da Silva, o que tivera lugar no dia 6 do corrente, vem por este meio agradecer e protestar a todos o seu mais indelevel reconhecimento, estima e amisade, pedindo desculpa de qualquer falta involuntaria que por acaso se desse.

Braga 12 de Julho de 1882.

(34) Miguel Maria Mendes da Silva.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito da comarca de Braga, e cartorio do escrivão do segundo officio abaixo assignado, correm editos de trinta dias a contar do segundio annuncio no *Diario do Governo* a requerimento do justificante Luiz Corréa da Silva Mello, negociante da Cidade do Porto, a citar e chamar todos os interessados incertos que tiverem que dizer ou oppor a justificação requerida pelo dito justificante, em que quer justificar para todos os effeitos legais que é proprietario de vinte e quatro saccas e dous pacotes contendo dous mil quatro centos setenta e oito kilos de arroz inglez, que consignou no mez de março do corrente anno a Francisco Manoel Pereira negociante, da Villa da Ponte da Barca, para ser vendido e consumido na mesma Villa, e que foi aprehendido pelos fiscaes empregados, ao carreteiro e conductor José da Silva da freguezia de São Victor da cidade de Braga, no dia 16 do dito mez de março quando vinha em transito do Porto para a Barca, a qual prehensão se verificou em casa de Luiz Ferreira, na freguezia de Ferreiros da comarca de Braga, na occasião em que o conductor ali descansava com o gado para seguir seu destino. Tem de ser accusados a citação na segunda audiencia do dito Juizo findo o dito prazo na qual devem comparecer os citados interessados incertos para a verem accusar e marcar o prazo de tres audiencias para diserem e opporem o que tiverem com a pena da lei e de revelia quando não compareçam, e as mencionadas audiencias se fazem nos dias segundas e quintas feiras de cada semana, e sendo dia feriado no dia seguinte immediato, no Tribunal d'ellas, no largo de Santo Agostinho da cidade de Braga, ás dez horas da manhã. Vai collada e inutilisada uma estampilha de sello do valor de dez reis.

Braga 24 de Julho de 1882.

O Escrivão

João Marcos de Araujo Ribeiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

(57) Adriano Carneiro de Sampaio.

Arrematação

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga e cartorio do escrivão do 1.º officio do Juizo supra, se faz publico que no dia 30 d'este corrente mez de julho por 10 horas da manhã no Tribunal Judicial d'esta comarca terá lugar em hasta publica a arrematação do arrendamento por um anno, a principiar no dia de S. Miguel (29 de setembro) de 1882, a findar em outro igual dia do anno de 1883, de uma morada de casas Apallaçadas, jardim, pomar e mais pertencas, sita na rua dos Granginhos, d'esta cidade, que foi arrestada aos herdeiros do fallecido Visconde de S. Lazaro, pela Gerencia do Banco do Minho, com sede n'esta cidade de Braga.

Braga, 20 de julho de 1882, leva um sello de dez reis.

O Escrivão

José Firmino da Costa Freitas.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito

(56) Adriano Carneiro de Sampaio.

Citação edital

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do 3.º officio de que é escrivão o abaixo assignado, corre seus termos uns autos de habilitação, pelos quaes se pretende habilitar Josefa Maria d'Oliveira, viuva e seu filho Antonio Ferreira Veiga, da rua dos Pelames, d'esta cidade, como pessoas legítimas para receberem uma letra saccada a favor de seu marido e pae fallecido José Ferreira Veiga, pelo Banco Commercial e Industrial com sede na cidade do Porto de 243\$240 reis sobre a sua agencia n'esta cidade, Valença, Filho & Comp.ª—sendo por isso pelo presente citadas todas as pessoas incertas que se julguem com direito á sobredita quantia, para na 2.ª audiencia d'este juizo, depois de findo o prazo de 30 dias que marcados se acham, e que principiarão correndo da publicação do 2.º annuncio feito na folha official do Governo, verem accusar a citação, e na mesma 2.ª audiencia assignar-se-lhes 3 audiencias para deduzirem o que tiverem a oppôr a tal respeito, sob pena de seguir seus termos a mesma habilitação ás revelias. As audiencias n'este Juizo, fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana não sendo dia Santo ou feriado porque sendo-o se fazem nos immediatos no tribunal judicial sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade.

Leva o sello de estampilha da taxa de 10 reis devidamente inutilisado.

Braga, 20 de julho de 1882.

O Escrivão do processo

Antonio José Cunha Vianna.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

(57) Adriano Carneiro de Sampaio.

BANCO DO MINHO

Está aberto o pagamento do dividendo d'este Banco, relativo ao 1.º semestre de 1882, na razão de 3 por cento ou 3\$000 reis por acção, livre de imposto, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã á 1 da tarde, seguintes localidades:

Em Braga—Na sede do Banco.  
No Porto—Na Caixa Filial.  
Em Lisboa—No Banco Lisboa e Acores.

Em Guimarães—Em casa do snr. Domingos Fernandes Guimarães. (55)

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

URGENTE NECESSIDADE

DE

UMA CRUZADA

PARA A

LIBERTAÇÃO DO SUMMO PONTIFICE

POR

D. JOSÉ MARIA CARULLA

Advogado do Ilustre Collegio de Madrid e director da *Civilisacion*

TRADUÇÃO PORTUGUEZA

POR

Antonio Mesquita

Antigo alumno do curso triennial de theologia no *Semmario do Porto*, jornalista, professor d'ensino livre, etc.

Summario das Materias

Carta do auctor ao traductor—Tradução da carta do auctor ao traductor—Dedicatoria—Capitulo I. Introdução—Capitulo II. O Papado e o poder temporal dos Summos Pontifices—Capitulo III. A lei das garantias—Capitulo IV. Pio IX e Leão XIII—Capitulo V. A Italia e os «italianissimos»—Capitulo VI. Justificação da Cruzada—Capitulo VII. Possibilidade da Cruzada—Capitulo VIII. Dificuldades da Cruzada e indicações do que póle fazer-se para vnce-las—Capitulo IX. Excitação á Cruzada—Capitulo X. Conclusão—Nota do traductor.

1 vol. do 270 paginas... 400 reis  
Pelo correio .....fl. 425 »

J. J. de Mesquita Pimentel—Editor

51, Rua de D. Pedro, 53—Porto.

NO PRELO

Musa Quotidiana

POR

ANTONIO RIBEIRO SARAIVA.

Acha-se em via de publicação este livro de incontestavel merecimento, devido á pena flurente do nosso illustrado compatriota e escriptor distincto, sr. dr. Antonio Ribeiro Saraiva, ha muitos annos residente em Londres.

A este livro, em tudo original, den o sr. Ribeiro Saraiva o titulo de *Musa Quotidiana*, porque durante o anno de 1831, emprehendeu escrever em cada dia do anno uma poesia qualquer, maior ou menor, sobre não importa que objecto, mas composta e completa no mesmo dia.

A sua linguagem é verdadeiramente portugueza e aprimorada, não se lhe pegando, como em outras muitas o costio da moda.

A obra devera conter 800 paginas, e está já começando a sahir por fasciculos de 40 paginas, pelo preço de 120 reis cada um, que será enviado a quem o pedir mediante a remessa d'aquella importancia em sellos de 25 reis á redacção do *Pombalense*—Pombal.

SEMANARIO DOS FILHOS DE MARIA

MENSAGEIRO DO CORAÇÃO IMMACULADO

(Com licença de S. Em.ª Rev.ª o Sr. Cardeal Bispo do Porto)

Com este sympathico titulo publica-se com a maxima regularidade no Porto, desde 23 de março p. p., sahindo no sabbado de cada semana um n.º de 16 paginas em 4.º, um periodico especialmente dedicado, como indica o seu nome, á Vir. em Santissima, porém que se occupa tambem de outros variados e interessantes assumptos religiosos e moraes, e do movimento catholico do mundo. As festas principaes da semana seguinte sobretudo as de Nossa Senhora, são commemoradas em prosa ou verso, e no fim de cada mez dá-se a intenção geral do immediato, para as pessoas piedosas que d'esse modo o queiram santificar.

Esta publicação religiosa, unica no seu genero em Portugal, tem merecido os elojios e ardente recommendação de toda a imprensa catholica do paiz, e de pessoas competentissimas pela sua illustração e piedade. No fim de cada anno formará um grosso volume de 832 paginas ou dois de 416, repletos de doutrina religiosa e amena, escriptos escolhidos. Depois do que fi a dno, seria ocioso encarecer a immensa utilidade d'este semanario no seio das familias christãs e nos estabelecimentos de educação verdadeiramente catholica.

Assigna-se no Porto, na rua da Picaria n.º 97, em casa de Manoel Malheiro. São os seguintes preços da assignatura, paga adiantada:

Porto: um anno ou 52 numeros, 1\$600 reis; 6 mezes ou 26 numeros, 900 reis. Fóra do Porto: 1 anno, 1\$800 reis; 6 mezes, 1\$000

São obsequiosissimos correspondentes de este semanario:

Em Braga ill.ª e rev.ª Padre Mancel Martins d'Aguiar.

Em Penafiel o ill.ª rev.ª Padre Antonio Luiz de Magalhães.

Em Santo Thyso o ill.ª sr. Antonio Candido de Souza e Vasconcellos (Burgães).

Encarregam-se de assignaturas e receber a importancia das mesmas.

Memoria historica e descriptiva da villa de Pombal

N'este livrinho se acha compendiado tudo quanto diz respeito á Villa de Pombal desde a sua fundação; empregando seus authores o mais rigoroso escriptulo em prescrutar a verdade sobre os principaes pontos que prendem com a historia d'esta antiga e celebre villa. N'elle se depreve minuciosamente a celebre antigualha do forno de Pombal, que muitas pessoas ainda não creem.

Tambem n'este opusculo se encontrarão alguns traços biographicos muito curiosos da vida do marquez de Pombal, desde que foi desterrado até á sua morte.

Acha-se á venda na typographia *Pombalense* e custa 100 reis. Será enviado pelo correio a quem a pedir, mediante a remessa de 100 reis em sellos de 25 ao rellactor do *Pombalense*—Pombal.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO  
Rua de Jano N.º 1—1.º andar.